

O IMPÉRIO DOS LIVROS



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor
Vice-reitor

Vahan Agopyan
Antonio Carlos Hernandez



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente

Lucas Antonio Moscato

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente

Rubens Ricupero

Vice-presidente

Valeria De Marco

Carlos Alberto Ferreira Martins

Clodoaldo Grotta Ragazzo

Maria Angela Faggin Pereira Leite

Ricardo Pinto da Rocha

Tânia Tomé Martins de Castro

Suplentes

José Roberto Castilho Piqueira

Marta Maria Geraldês Teixeira

Sandra Reimão

Editora-assistente

Carla Fernanda Fontana

Chefe Téc. Div. Editorial

Cristiane Silvestrin

Marisa Midori Deaecto

O IMPÉRIO DOS LIVROS



*Instituições e Práticas de Leitura
na São Paulo Oitocentista*

Prêmio Jabuti 2012 – Comunicação, 1º lugar
Câmara Brasileira do Livro

Prêmio Sergio Buarque de Holanda 2012 – Ensaio Social
Fundação Biblioteca Nacional



Copyright © 2011 by Marisa Midori Deaecto

1ª edição 2011 (apoio Fapesp)

2ª edição 2019

Ficha Catalográfica elaborada pelo Departamento Técnico do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. Adaptada conforme normas da Edusp.

Deaecto, Marisa Midori.

O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista / Marisa Midori Deaecto. – 2. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2019.

448 p.: il.; 16 × 23 cm.

Inclui bibliografia e índice onomástico.

ISBN 978-85-314-1437-4

I. Leitura (História) – São Paulo. 2. Bibliotecas (História) – São Paulo. 3. Livrarias (História) – São Paulo. 4. História do livro – São Paulo. I. Título. II. Título: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista.

CDD 028

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2019

Foi feito o depósito legal

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.*

*Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.*

*O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.*

*E, afóra este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto,
Que não se muda já como soía.*

CAMÕES (1524?-1580)

Por ser freguês antigo, abriram-me a porta onde se encontravam estocados os livros e as revistas. Na primeira hora, o choque por que passei assemelhava-se ao que se dera com Aladin, quando entra na caverna e se depara com o fenomenal tesouro amontoado em um de seus cantos. Não dava para acreditar. Postos em ordem, achavam-se revistas brasileiras e estrangeiras, literárias e políticas, formando pilhas e pilhas, cada uma disposta separadamente. [...] Mergulhei nesse oceano dezenas de vezes. Além do prazer de ter encontrado fontes que acreditava não me deparar nunca, tinha a alegria de manusear títulos que sabia existirem e outros que, para mim, eram verdadeiras surpresas. E como último lado da descoberta, era perceptível que 90% dos livros estavam em perfeito estado, como se tivessem saído naquela hora da tipografia. É que o cuidado que Astrojildo tinha com os livros fazia-o embrulhar cada um, afastando-os da luz e da poeira. O militante Astrojildo Pereira era, assim, não só um lutador a favor do homem, mas um bibliófilo, amante dos livros¹.

Ao Professor Dr. Edgard Carone,
amante dos livros,
dedico este livro, *in memoriam*.

1. Edgard Carone, *Leituras Marxistas e Outros Estudos*, p. 178.

SUMÁRIO



<i>Lista de Mapas</i>	15
<i>Lista de Gráficos</i>	15
<i>Lista de Tabelas</i>	16
<i>Lista de Ilustrações</i>	16
<i>Agradecimentos</i>	19
<i>Prefácio – Jean-Yves Mollier</i>	21
<i>Introdução</i>	23
I. SÃO PAULO, CIDADE ESPIRITUAL	37
1. Uma Biblioteca Pública para São Paulo	41
<i>Livros e Ilustração</i>	44
<i>A Cessão do Convento e da Livraria</i>	49
2. O Incidente com o Padre José Antônio dos Reis	57
<i>O Sequestro de Livros</i>	62
<i>Comércio de Ocasão</i>	66
3. A Conformação do Acervo	76
<i>A Biblioteca do Bispo</i>	76
<i>A Livraria Conventual</i>	87
II. NO IMPÉRIO DAS LETRAS	99
I. Paisagem Intelectual	103
<i>Projetos</i>	109
<i>Os Intelectuais e a Cidade</i>	115

2. Vida Acadêmica.....	117
<i>Preparatórios</i>	124
<i>Juventude Acadêmica</i>	129
3. A Fortuna dos Livros	137
<i>Livros e Fortunas</i>	140
<i>Leituras</i>	149
III. A CIDADE E OS LIVROS.....	173
1. Cartografia do Sistema Literário	177
<i>Definições</i>	183
<i>Matrizes</i>	187
2. A Urbe e suas Gentes.....	189
<i>Instantâneos Urbanos</i>	199
<i>Infraestrutura</i>	214
3. Luzes na Cidade	228
<i>Instituições de Leitura (1870-1900)</i>	231
<i>De Volta às Arcadas</i>	241
IV. CIRCULAÇÃO E CONSUMO	265
1. A Economia do Livro	269
<i>Semear ao Vento</i>	271
<i>Anatole Louis Garroux: Livreiro, Empreendedor</i>	280
2. Catálogos: Visão de Conjunto	302
<i>Os Catálogos de Edições em Português</i>	313
<i>A Parte Francesa</i>	327
3. Consumo	340
<i>Amadores e Consumidores</i>	348
<i>Os Livros na Cidade: Novos Espaços de Consumo</i>	362
QUAL O SENTIDO DE TUDO ISSO?	381

FONTES	389
<i>Bibliotecas e Arquivos Consultados</i>	389
<i>Manuscrítas</i>	389
<i>Cartografia</i>	392
<i>Catálogos</i>	392
<i>Periódicos</i>	393
<i>Ilustrações</i>	395
 BIBLIOGRAFIA	 397
 ÍNDICE ONOMÁSTICO	 427

LISTAS



MAPAS

Mapa 1. <i>Planta da Imperial Cidade de São Paulo Levantado em 1810 pelo Capitão de Engenheiros Rufino José Felizardo Costa, copiada em 1841, com Todas as Alterações</i>	192
Mapa 2. <i>Planta da Cidade de São Paulo, 1868</i>	198
Mapa 3. <i>Mapa Geral da Cidade de São Paulo, por volta de 1860</i>	203
Mapa 4. <i>Vida Intelectual e Espiritual na Cidade de São Paulo, 1837-1878</i> ...	216
Mapa 5. <i>Tipografias, Livrarias e Jornais na Cidade de São Paulo, 1837-1878</i> ..	219
Mapa 6. <i>Expansão das Bibliotecas de São Paulo, 1825-1905</i>	238
Mapa 7. <i>Planta da Capital do Estado de São Paulo e seus Arrabaldes Desenhada e Publicada por Julius Martin, 1890</i>	240
Mapa 8. <i>Rota dos Navios Franceses</i>	275
Mapa 9. <i>Expansão das Tipografias na Cidade de São Paulo, 1850-1900</i>	370
Mapa 10. <i>Expansão das Livrarias na Cidade de São Paulo, 1858-1905</i>	378

GRÁFICOS

Gráfico 1. <i>Número de Títulos por Domínio Temático e Lucro Médio Auferido na Venda</i>	67
Gráfico 2. <i>Porcentagem de Títulos por Domínios Temáticos</i>	91
Gráfico 3. <i>Porcentagem de Volumes por Domínios Temáticos</i>	91
Gráfico 4. <i>Livraria de D. Mateus de Abreu Pereira</i>	93
Gráfico 5. <i>Livraria do Convento de São Francisco</i>	93
Gráfico 6. <i>Quantidade de Livros x Bens Domésticos</i>	144

Gráfico 6a. <i>Quantidade de Livros x Bens Domésticos</i>	144
Gráfico 7. <i>Inventários 1800-1850</i>	145
Gráfico 8. <i>Biblioteca da Casa de Dona Genebra de Barros Leite</i>	154

TABELAS

Tabela 1. <i>Relação dos Livros que se Venderam por Portaria de 7 de Março do Presente Ano</i>	70
Tabela 2. <i>Rendimentos dos Lentes da Faculdade de Direito e Professores das Aulas Preparatórias (1834 e 1836)</i>	75
Tabela 3. <i>Inventário da Biblioteca Pública da Cidade de São Paulo, 1826</i>	90
Tabela 4. <i>Biblioteca da Casa de Dona Genebra de Barros Leite</i>	163
Tabela 5. <i>A População de São Paulo</i>	227
Tabela 6. <i>Catálogo das Obras da Biblioteca de Direito de São Paulo, 1857</i> ...	250
Tabela 7. <i>Quadro Estatístico do Acervo da Biblioteca, 1872</i>	253
Tabela 8. <i>Librairie Française – Garraux, de Lailhacar & Cie, 1866</i>	315
Tabela 9. <i>Obras Diversas Recomendadas aos Nossos Leitores</i>	326
Tabela 10. <i>Livraria Acadêmica de A. L. Garraux em Língua Francesa, Coleções, 1872</i>	335
Tabela 11. <i>Livraria Acadêmica de A. L. Garraux em Língua Francesa, 1872</i> ..	339

ILUSTRAÇÕES

1. Convento dos Franciscanos, <i>Thomas Ender, 1817</i>	38-39
2. Igreja e Convento do Carmo em São Paulo, <i>Thomas Ender, 1817</i>	52
3. Igreja e Mosteiro de São Bento, <i>Thomas Ender</i>	53
4. Vista de São Paulo, <i>Eduard Hildebrandt, maio de 1844</i>	100-101
5. José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), <i>Sébastien Auguste Sisson</i>	113
6. Largo São Francisco, <i>Militão Augusto Azevedo, 1862</i>	119
7. A Inocência sobre o Túmulo de um Ilustre Liberal, <i>Hércules Florence, 1830</i>	127
8. <i>Capa de</i> Resumo de História Universal, <i>de Julius Frank</i>	128
9. Dona Genebra de Barros Leite	153
10. Palácio do Governo de São Paulo, <i>Jean-Baptiste Debret</i>	174-175

11. <i>Dona Maria Paes de Barros, c. 1865</i>	205
12. <i>Anúncios da Sociedade Germânica e da Livraria Brasileira e Allemã de Ricardo Matthes</i>	208
13. <i>Grupo de Normalistas Defronte ao Prédio da Escola Normal, 15 de Novembro de 1889</i>	213
14. <i>Primeira Sede da Politécnica de São Paulo</i>	235
15. <i>Biblioteca de Direito com Iluminação Elétrica, 1890</i>	260
16. <i>Sala de Leitura da Biblioteca da Faculdade de Direito, 1905</i>	261
17. <i>Fachada da Casa Garraux – Livraria e Papelaria</i>	268
18. <i>Anatole Louis Garraux, 1870, Militão Augusto de Azevedo</i>	281
19. <i>Fac-Símile do Testamento de Anatole Louis Garraux</i>	282
20. <i>Fagundes Varela</i>	293
21. <i>Contrato de Venda de Direito Autoral</i>	295-296
22. <i>Anúncio de Cantos e Phantasias no Catálogo Garraux, 1866</i>	298
23. <i>Retrato de Anatole Louis Garraux, bico de pena de Luís Jardim</i>	301
24. <i>Fac-Símile da Folha de Rosto da Edição Bibliographie Brésilienne</i>	303
25. <i>Etiquetas da Livraria Garraux</i>	306-307
26. <i>Rua Direita, 1862, Militão Augusto de Azevedo</i>	311
27. <i>Fachada da Nova Sede da Livraria Garraux, 1905</i>	312
28. <i>Capa do Catálogo da Librairie Française</i>	328
29. <i>Página do Catálogo da Librairie Française, com Títulos da Bibliothèque pour tous</i>	336
30. <i>Charge sobre a Livraria Garraux – Cabrião</i>	341
31. <i>Charge sobre a Livraria Garraux – Diabo Coxo</i>	341
32. <i>Página do Catálogo da Librairie Française, com Edições de Luxo</i>	345
33. <i>Álvares de Azevedo aos Dezesete Anos, 1847-1848</i>	349
34. <i>Joaquim Nabuco</i>	356
35. <i>Família Almeida Nogueira, Paris, Setembro de 1908</i>	359
36. <i>Domitila de Castro Canto e Melo, Marquesa de Santos</i>	363
37. <i>Anúncio de Prelos Tipográficos</i>	372
38. <i>Rua 15 de Novembro, 1908</i>	382-383

AGRADECIMENTOS



Quantos anos são necessários entre a produção de uma tese e sua metamorfose em livro? Não são apenas os anos que contam, mas também o processo mesmo de transformação de um original, dir-se-ia, de um manuscrito, neste volume, certamente mais compacto, mais leve e bem mais amável aos olhos e à sensibilidade do leitor que o tem em mãos.

É bem verdade que este livro reforça antigas amizades, mestres queridos que concorreram para o êxito da tese e que certamente reconhecerão suas contribuições neste volume. Reitero, portanto, meu reconhecimento à professora Raquel Glezer, ao amigo Lincoln Secco e aos professores que compuseram minha banca de doutoramento, Carlos Guilherme Mota, Tania Bessone, Marisa Lajolo e Ana Maria de Almeida Camargo. Importante resgatar a presença de outros mestres – ousar dizer, meus queridos colegas – os quais concorreram de forma diversa para o encaminhamento e conclusão da pesquisa: Nelson Schapochnik, Aníbal Bragança, Jorge Grespan, Antonio Celso Ferreira, Roger Chartier, Jean Hébrard, Diana Cooper-Richet, Jean-Yves Mollier, Carlos Antonio Aguirre Rojas e François Dosse.

As pesquisas em arquivos e bibliotecas nem sempre são fáceis e se tornariam mesmo inviáveis não fosse a colaboração de bibliotecários e arquivistas, aos quais expresso aqui meu muitíssimo obrigado. Destaco alguns nomes que tornaram não apenas possível, mas prazeroso o trabalho no Arquivo e na Biblioteca da Faculdade de Direito: Dona Giacomina Faldini, Lúcia Beffa (ex-diretoras desta instituição), Senhor Valdir, responsável pelo Arquivo, Silvia Mara, bibliotecária, e os antigos funcionários da sala de leitura.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo registro uma vez mais meus agradecimentos. O programa de apoio desenvolvido por

esta Fundação, com suas regras estritas, sua equipe de assessores científicos e pareceristas comprometidos com a qualidade das pesquisas, foi da maior importância para minha formação acadêmica, pois incentivou meus estudos desde a época da graduação. Hoje posso dizer que fui bolsista da Fapesp em todas as modalidades possíveis, da iniciação ao doutoramento. Agora, vejo a mesma instituição como coeditora do livro, fato que muito me honra!

Dentre os amigos, deixo alguns nomes anotados, daqueles que tiveram presença mais efetiva durante a pesquisa, sob a pena de abandonar outros, cujo distanciamento certamente foi inevitável devido às próprias contingências do tempo. Para tornar este inventário o mais breve possível, agradeço a contribuição de Alice e Anabelle Orange, Stéphan Étienne, Marília Barcellos, Maria Vianna, Ciro Yoshiyasse, Helena Wakin, Vivian Nani Ayres, Denise Monteiro, Júlio Suzuki, Igor Lima e aos integrantes do Grupo de Estudos Fernand Braudel.

Outros amigos chegaram com tantos livros novos que ainda não me dei conta da mutação que eles provocaram em mim. Assim foi a presença de Plínio Martins Filho e de José De Paula Ramos Jr. nessa nova fase da vida, agora, como professora do Departamento de Jornalismo e Editoração (ECA-USP).

Os familiares estão sempre presentes. Meu querido marido, Ederson M. R. Matos, foi o primeiro autor de todos os mapas especialmente elaborados para esta pesquisa. Devo ainda registrar a presença definitiva de meus pais, Kenji Deaecto e Lourdes do Nascimento Deaecto. De meu irmão, Alexandre e de minha tia Mamoe, uma grande incentivadora. Maria Aparecida e Janir Matos foram sempre companheiros e solidários.

Junto com os livros e os amigos novos, veio um bem ainda mais valioso. Mateus Matos, meu filhinho, deu nova luz à vida. Como as planícies de Braudel, ele se tornou minha alegria de viver. Todos os dias ele me dá força e coragem para novas investidas nessa outra paixão que se chama História.



Quando a primeira edição desta obra foi publicada, o querido professor Antonio Candido enviou-me gentilmente uma carta de próprio punho agradecendo o recebimento do livro.

Nesta segunda edição, sou eu que agradeço por tê-lo tido como mestre e inspiração. Reproduzo e transcrevo a seguir suas amáveis palavras.

São Paulo, 10 de novembro de 2012

Cara Marisa:

Não quero que o ano acabe sem eu manifestar antes tarde do que nunca o que achei do seu excelente livro, lido com interesse ininterrupto e com o qual aprendi muito. Você realizou um feito universitário de qualidade, pelo rigor da pesquisa, a pertinência da orientação e a originalidade da metodologia. Sem perder o fio, soube movimentar bem uma quantidade de dados, que lhe permitiram dar conta do propósito central e construir um modelo explicativo convincente, graças ao qual foi possível circular com agilidade do particular ao geral e vice-versa, — integrando as pessoas e os fatos no meio e transformando os levantamentos em panorama orgânico. Você não teve preguiça, não escolheu os caminhos mais fáceis, enfrentou as dificuldades e chegou a um resultado de primeira ordem.

Parabéns e um abraço afetuoso do

Antonio Candido

São Paulo, 10 de novembro de 2012

Cara Marisa:

Não quero que o ano acabe sem eu manifestar antes do que nunca o que achei do seu excelente livro, lido com interesse ininterrupto e com o qual aprendi muito. Você realizou um feito universitário de qualidade, pelo rigor da pesquisa, a pertinência da orientação e a originalidade da metodologia. Sem perder o fio soube movimentar bem uma quantidade de dados, que lhe permitiram dar conta do propósito central e construir um modelo explicativo convincente, graça ao qual foi possível circular com agilidade do particular ao geral e vice-versa, — integrando as pessoas e os fatos no meio e transformando os levantamentos em panorama orgânico. Você não teve preguiça, não escolheu os caminhos mais fáceis, enfrentou as dificuldades e chegou a um resultado de primeira ordem.

Parabéns e um abraço afetuoso do

Antonio Candido

PREFÁCIO



Ninguém apresenta melhores condições para redigir um ensaio intitulado *O Império dos Livros* do que a autora deste volume, Marisa Midori Deaecto. Doutora em História, com trabalho consagrado ao livreiro-editor francês Anatole Louis Garraux, professora da Universidade de São Paulo e membro de numerosas redes internacionais de estudos históricos, Marisa é também amante do livro, transmitindo sua paixão a seus alunos e comunicando-a a todos que trabalham a seu lado.

De sua estada parisiense e assídua frequência às grandes bibliotecas locais, guardou o gosto pela pesquisa comparativa, fato que a distancia de um ponto de vista exageradamente local ou nacional. Conhecendo perfeitamente a bibliografia internacional no que tange à história do livro e das práticas de leitura e, mais genericamente, à história da aculturação dos emigrantes e das populações coloniais, Marisa Midori Deaecto propõe-se, aqui, estudar a um só tempo as instituições que contribuíram para a transformação de um continente de iletrados num universo de leitores familiarizados com o mundo da imprensa, e as mil e uma maneiras de que se valeram, homens e mulheres, crianças e estudantes, para realizar essa dolorosa transição.

Para vencer o desafio, era-lhe mister primeiro conhecer bem a cidade sobre a qual haveria de conduzir suas pesquisas, São Paulo. Foi, portanto, como historiadora das cidades, e antes de tudo da terra acolhedora que foi São Paulo no século XIX para seus novos habitantes, que Marisa estudou o nascimento das bibliotecas públicas e a formação das coleções particulares. Não descuidando nem do comércio dos livros de ocasião, que muitas vezes dizem mais a respeito da circulação efetiva dos impressos e do intercâmbio intelectual, do que aquele, forçosamente mais tardio, dos exemplares novos;

nem do papel dos indivíduos, religiosos ou leigos, aristocratas ou comerciantes, na formação de um corpo de leitores diversificado, a historiadora mostra como a capital do Estado mais populoso e rico do Brasil foi também, a partir da segunda metade do século XIX, grande cidade das Luzes.

Sua familiaridade com os arquivos, franceses e brasileiros, possibilitou-lhe fazer reviver o mundo dos editores e dos livreiros dos anos de 1840 a 1910, tanto os pequenos revendedores quanto os negociantes mais ilustres. Impressos muitas vezes fora do Brasil, na França e em Portugal, mas também na Inglaterra, os livros que circulavam nos gabinetes de leitura, nas bibliotecas públicas ou nas livrarias, davam rapidamente a conhecer as novidades mais notáveis, fossem os romances de Alexandre Dumas, Charles Dickens ou de seus êmulos brasileiros. Os catálogos de livrarias e de editoras e os jornais da época recuperam, para quem os sabe encontrar e ler, parte desta vida cultural que não se constituía apenas das camadas mais favorecidas da população.

Uma vez que seus trabalhos anteriores na área de História Econômica a familiarizaram com as práticas das camadas populares, Marisa Midori Deaecto oferece ao leitor deste seu último livro um quadro surpreendente das práticas culturais dos homens e mulheres que habitavam a capital paulista no início da República e antes da Primeira Guerra Mundial. Levantando inúmeras pontas do véu que esconde essa realidade hoje desaparecida, Marisa ajuda o leitor do século XXI a compreender a gênese e o desenvolvimento da leitura nas grandes capitais do mundo. Seu afresco de São Paulo poderá, de fato, ser prontamente correlacionado com outros estudos sobre a Cidade do México, Buenos Aires, Paris, Lisboa ou Madrid e despertar inúmeras comparações úteis.

Considerando que o livro impresso não está afinal morto nem fadado a desaparecer, *O Império dos Livros* dá àquele que aceita acompanhar a autora em seu giro pela capital paulista uma visão esclarecedora e excepcional dos próprios fundamentos da civilização da imprensa.

JEAN-YVES MOLLIER

INTRODUÇÃO



Onde é impossível o cálculo numérico impõe-se sugerir. Entre a expressão das realidades do mundo físico e a expressão das realidades do espírito humano o contraste é, em suma, o mesmo que existe entre a tarefa do operário fresador e a do fabricante do instrumento de corda: ambos trabalham com rigor milimétrico; mas o primeiro utiliza aparelhos mecânicos de precisão; o segundo guia-se, sobretudo, pela sensibilidade do ouvido e dos dedos [...]. Quem negará que não haja, como o tato manual, um tato das palavras?

MARC BLOCH (1886-1944)¹

O estudo sobre a circulação e o consumo de livros na cidade de São Paulo, à vista dos meios de difusão atuantes no Oitocentos, é fruto da conjuntura existente no final do século xx e início do xxi. As mudanças a que temos assistido no campo da produção editorial e o aparecimento de novas formas de transmissão da linguagem escrita sem dúvida renovaram o interesse pelo livro como objeto de pesquisa por parte de estudiosos em diversas áreas do conhecimento. Diante de novas tecnologias que parecem ter atingido os circuitos de comunicação impressa, até que ponto o livro atua como força transformadora em nossa sociedade? Ele já teve um dia esse papel?

Para os historiadores que se dedicaram ao Século das Luzes, o cerne da questão era o das origens intelectuais da Revolução de 1789. Partiam do pressuposto de que todo processo revolucionário se instaura, em primeira instância, no campo das ideias. Todos aqueles que viveram sob o signo in-

1. Marc Bloch, *Introdução à História*, p. 29.

certo das paixões e ódios latentes que a Revolução provocou, já no primeiro meio século do Oitocentos, questionaram o poder dos livros e seu efeito subversivo. É o que se apreende, por exemplo, nos escritos de Madame de Staël² e, posteriormente, nas reflexões de Alexis de Tocqueville e de Hippolyte Taine³.

Em *Les origines intellectuelles de la Révolution française*, livro publicado em 1933, Daniel Mornet⁴ se voltou para a problemática da formação da consciência revolucionária, estabelecendo um método que lhe permitisse buscar, na documentação existente, as matrizes ideológicas da Revolução. Interessado em averiguar o papel desempenhado pelos livros, mas também por aqueles “intermediários esquecidos da literatura”⁵ na difusão do pensamento iluminista, o autor coloca em relevo os circuitos de comunicação do texto impresso, as bibliotecas, os gabinetes, os *clubs* e as sociedades literárias que agregavam as *gens de lettres*⁶ e, ao lado destas, espaços informais e de notável projeção no meio político e cultural laico. Estes eram representados pelos cafés e pelas sociedades maçônicas, onde se organizavam as *coteries*⁷.

Todavia, uma vez que os pesquisadores privilegiaram os meios e os efeitos da difusão do livro na Europa, revalidando antiga divisa adotada por Henri-

2. Madame de Staël, *Considérations sur la Révolution française*, p. 32.

3. A respeito desse tema, ver Roger Chartier, “Lumières et Révolution. Révolution et Lumières”, *Les origines culturelles de la Révolution française*, pp. 15-35.

4. Daniel Mornet inovou ao situar no circuito de transmissão das ideias sua investigação sobre as origens e influências culturais dominantes no espírito das Luzes. Ou seja, nos meios de difusão e nas possibilidades de recepção das ideias em voga por diferentes estratos da sociedade. Segundo o autor, “nosso estudo se propõe justamente investigar qual foi exatamente o papel da intelectualidade na preparação da Revolução. Quais foram as ideias dos grandes escritores; e quais foram as ideias daqueles escritores de segunda, terceira, décima ordem, pois aqueles que para nós são de décima ordem, o foram, talvez, para os contemporâneos, de primeira ordem. Como uns e outros agiram sobre a opinião pública geral, sobre aqueles que não pertenciam ao mundo das letras, que não eram pessoas do *métier*?” (Daniel Mornet, *Les origines intellectuelles de la Révolution française (1715-1787)*, p. 2). Questões estas que foram retomadas por Roger Chartier em *Les origines culturelles de la Révolution française*.

5. Robert Darnton, *O Beijo de Lamourette*, p. 109.

6. A relação entre livros e vida intelectual figura em diversos estudos que seguem a tradição dos *Annales*, entre eles, cf. Daniel Roche, *Les républicains des lettres: Gens de culture et Lumières au XVIII^e siècle*.

7. Observa Norbert Elias, ao analisar a sociedade cortesã do Antigo Regime, que “todos os indivíduos pertenciam a uma *coterie*, a um círculo social que, quando necessário, o apoiava. Mas esses agrupamentos mudavam. Entravam em aliança, sempre que possível, com pessoas altamente graduadas na corte. Mas a posição na corte podia mudar rapidamente” (Norbert Elias, *O Processo Civilizador*, vol. II, p. 226).

-Jean Martin e Lucien Febvre, em 1958⁸, para os estudos sobre a crise do Antigo Regime, eles fatalmente delimitaram seu alcance geográfico.

Tais questões ressoaram no Brasil de forma mais destacada nos estudos sobre o período colonial. Em particular, nos seus momentos decisivos, quando em diversas partes do território vieram à tona movimentos de emancipação. Os estudiosos resgataram as referências bibliográficas encontradas em inventários de homens letrados da época, que denotavam seus interesses pelo Iluminismo e, notadamente, pela ilustração francesa⁹. Diante dessas informações, buscaram compreender por quais meios os livros chegaram na Colônia e quais os mecanismos utilizados para ludibriar a censura. Do mesmo modo, de que forma as leituras se convertiam, sob determinadas conjunturas e espaços, em projetos de natureza sediciosa. São os estudos sobre as matrizes culturais ou ideológicas da Inconfidência Mineira e da Conjuração Baiana, sobre os sediciosos fluminenses e pernambucanos, e assim por diante¹⁰.

Ao identificar as matrizes intelectuais das classes letradas no Rio de Janeiro, José Honório Rodrigues faz um breve inventário “dos autores mais lidos e influentes que ajudaram a formar a corrente ideológica que prepa-

8. Lucien Febvre & Henri-Jean Martin, “Livros, Este Fermento”, *O Aparecimento do Livro*, pp. 355-463.

9. A respeito disso, faz-se imperiosa a lembrança de Eduardo Frieiro. Sobre o cônego Luís Vieira da Silva, escreve o autor: “Era um *afrancesado*? Pode-se admiti-lo. As ideias francesas contagiavam alguns brasileiros seletos daquele tempo. Constituía, é claro, uma reduzida minoria, mas pode-se admitir, como se tem admitido, que tais ideias influíram no pensamento autonomista dos conjurados mineiros, junto com razões mais fortes, de ordem econômica e afetiva, como o grande receio da derrama, o sentimento nativista e a hostilidade ao português” (Eduardo Frieiro, *O Diabo na Livraria do Cônego*, p. 51). Não temos a intenção de propor um retrospecto historiográfico da produção sobre o livro e a leitura no Brasil, porém mostrar como estas questões relativas às matrizes ideológicas da Revolução e do ideário iluminista estão presentes nas pesquisas locais sobre o livro e as práticas de leitura (cf. Maria Beatriz Nizza da Silva, “História da Leitura Luso-brasileira: Balanços e Perspectivas”, em Márcia Abreu (org.), *Leitura, História e História da Leitura*, pp. 147-163; Luiz Carlos Villalta, *Reformismo, Censura e Práticas de Leitura*; Marianne Reizewitz, “O Impacto do Ideário Iluminista no Brasil: Razão e Livros Sediciosos”, pp. 41-57).

10. Ao perscrutar as ideias de revolução vigentes no período de crise do sistema colonial português, Carlos Guilherme Mota, em análise sobre as “formas de pensamento” evidenciadas nos autos de devassa, observa: “quando esses revolucionários definem ou, pelo menos, entreveem os problemas, procuram soluções – que no mais das vezes são buscadas fora dos limites da organização colonial. Não é por outro motivo que se encontram nos cadernos dos baianos trechos de Rousseau ou Volney, nem é por acaso que a biblioteca de um cônego Luís Vieira está recheada com a literatura mais crítica do Ocidente, de proveniência norte-americana, francesa e inglesa, principalmente” (Carlos Guilherme Mota, *Ideia de Revolução no Brasil (1789-1901)*, p. 117).

rou e fez a Independência”. Uma vez elaborada esta enquete nos jornais da época, o autor conclui que os letrados fluminenses tinham acesso a um mesmo grupo de autores, que formavam, *grosso modo*, um sistema bastante homogêneo de referências: “Montesquieu (1688-1755), Voltaire (1694-1778), Rousseau (1712-1778), Jean Denis, Conde de Lajuinais, Dominique de Fourt de Pradt (1759-1837) e Jean-Baptiste Say (1767-1832); o florentino N. Maquiavel (1469-1527), o napolitano Gaetano Filangien (1752-1790), e os ingleses John Locke (1632-1704), Thomas R. Malthus (1766-1834), David Ricardo (1772-1823)”¹¹.

Mas os momentos de crise são raros na História e nem sempre o historiador se convence de que fatos aparentemente importantes provocaram rupturas na ordem vigente. A Revolução de 1789 continuava a ser um modelo para as gerações posteriores, pelo menos no conteúdo das leituras e no grau de interesse que a França e seus intelectuais passaram a despertar em todo o mundo. Ou, melhor, em uma fração significativa do globo sensível às referências francófonas¹².

Assim, os estudiosos do livro passaram a questionar se, nesse mesmo sistema, em que uma literatura de conteúdo político e de raízes francesas – pois sabemos que mesmo os autores ingleses muitas vezes chegavam até nós via França¹³ – circulava em abundância, não haveria espaço para a circulação de outra sorte de livros. De uma literatura beletrista, ou mesmo de caráter religioso, que viesse satisfazer os gostos das pessoas comuns, permitindo a organização de um circuito paralelo e expressivo de leituras¹⁴. E, naturalmente, de espaços que pudessem acolher, além de leitores tradicionais, uma camada nova emergente no meio urbano. Estudos, enfim, comprometidos com os mecanismos de produção e com os circuitos de circulação e consumo do li-

11. José Honório Rodrigues, *Independência: Revolução e Contra-Revolução*, p. 2.

12. A este respeito, cf. Franco Venturi, “Cronologia e Geografia do Iluminismo”, *Utopia e Reforma no Iluminismo*, pp. 217-246; Gilberto Freyre, *Um Engenheiro Francês no Brasil*.

13. Edmund Burke, Bentham e Macaulay, conforme veremos ao longo do texto, aparecem em edições francesas. O próprio Guizot traduzia textos ingleses, entre eles, os escritos de Sir Lord Thomas Babington Macaulay, com quem estreitou relações de amizade, na época do exílio na Inglaterra (cf. Sir Lord Thomas Babington Macaulay, *Ensaio Histórico*, p. 27). Das obras traduzidas, o *Catálogo Garraux*, de 1866, apresenta os seguintes títulos: *Essais sur l’histoire de l’Angleterre*, 1 vol., in-4; *Essais littéraires*, 1 vol., in-4; *Histoire et critique*, 1 vol., in-4.

14. Cf. Márcia Abreu, *Os Caminhos dos Livros*.

vro no contexto da Independência¹⁵ e, no momento seguinte, caracterizado pela modernização da sociedade brasileira¹⁶.

Dada a natureza de tais questões, outros aspectos relacionados ao livro foram deixados de lado. Por exemplo, discussões sobre as condições de produção e de difusão do livro no Brasil. A primeira obra de síntese sobre esta temática foi elaborada por Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil*, cuja primeira edição em português data de 1985¹⁷. O livro é resultado de sua tese de doutoramento, defendida na Universidade de Essex, em 1975, sob o título *Uma História da Indústria Editorial Brasileira, com Referência Particular à Publicação de Obras Literárias*. Segundo o autor, “o objetivo básico desse trabalho [era o de] demonstrar como o desenvolvimento da literatura brasileira foi determinado pelas circunstâncias econômicas, práticas comerciais e condições técnicas da indústria nacional”¹⁸. Poderíamos protestar diante de um certo grau de determinismo, que coloca o desenvolvimento da atividade literária em função de suas condições de produção e de comércio. A este esquema faltariam ainda as condições próprias de recepção do produto literário.

Todavia, se considerarmos o que o autor entende como “desenvolvimento da literatura brasileira” não exatamente do ponto de vista de suas manifestações estéticas, mas de suas condições materiais de reprodução, tem sentido a questão deste estrangeiro que encontrou no Brasil um volume bastante significativo de livros e, como ele mesmo o atesta, de livros de boa qualidade “de seu planejamento gráfico e de sua apresentação física”¹⁹.

Nos capítulos dedicados a São Paulo, o autor observa dois grandes momentos: o primeiro, que nos interessa de modo particular, refere-se à emergência do comércio livreiro, em grande medida motivado pela presença da Academia e por uma série de fatores que acenavam para o desenvolvimento econômico e social da capital piratiningana, a partir das décadas de 1860–

15. Cf. Maria Beatriz Nizza da Silva, *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro*; Ana Maria de Almeida Camargo & Rubens Borba de Moraes, *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*.

16. Sobre a expansão dos espaços do livro no Oitocentos, ver Nelson Schapochnik, *No Jardim das Delícias*; Tania Bessone, *Palácio de Destinos Cruzados*.

17. Cf. Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil*. Outra síntese da história do livro brasileiro, todavia, organizada de maneira mais livre e ilustrada: Fernando Paixão (org.), *Momentos do Livro no Brasil*.

18. Hallewell, *O Livro no Brasil*, p. xxiv.

19. *Idem*, p. xxiii.

-1870. No capítulo da história do livro em São Paulo no Oitocentos, o autor dá relevo às condições de circulação do livro e, em particular, à presença do livreiro A. L. Garraux²⁰.

O segundo momento – a partir do qual podemos aferir o significado de uma verdadeira revolução industrial no mundo dos livros, do ponto de vista da produção e do comércio de edições de textos nacionais e de traduções – foi inaugurado por Monteiro Lobato, após a Primeira Guerra Mundial. A atenção do autor à denodada trajetória do escritor e editor paulista não se resume ao longo capítulo que lhe dedica, mas à própria dedicatória expressa em seu livro, que traz no verso da folha de rosto uma reprodução fotográfica do “furacão da botocúndia” e, em seguida, uma dedicatória ao pai, Laurence Joseph Hallewell, a quem o autor compara com Monteiro Lobato.

Mas voltemos ao primeiro momento de expansão dos circuitos do livro na capital paulista, tal como o identifica Laurence Hallewell. Antes, porém, apresentemos em termos mais precisos a noção de circuito adotada neste trabalho e sua relação com a produção literária, segundo a elaboração de Robert Estivals²¹. Segundo o autor, normalmente analisamos o circuito do livro de forma diacrônica. Ele começa no autor, passa pelo editor, impressor, distribuidor, livreiro, até atingir as instituições de leitura. Todavia, esta é uma visão insuficiente e idealista porque faz do autor (o criador, o *deus ex machina*) o primeiro motor. Há, na verdade, dois circuitos diferentes: o que faz do consumo o motor primeiro, e o circuito da inovação. Ambos são bipolares. O primeiro começa com o gosto e com as inclinações do público. Isso orienta o editor ou o livreiro, que, em busca de lucro, organiza os meios materiais para a produção do livro. Mas este circuito só dá conta da massa de leitores anônimos, da psicologia coletiva de uma época.

Por sua vez, o segundo circuito concerne à *avant garde*. Neste, os agentes não são conformistas. Eles tentam modificar os gostos, criar um mo-

20. Sobre as instituições de leitura na São Paulo oitocentista, cf. Ana Luiza Martins, *Gabinetes de Leitura da Província de São Paulo (1847-1890)*. E, de forma indireta, a pesquisa de Janice Gonçalves, *Música na Cidade de São Paulo (1850-1900)*. No caso de São Paulo, o campo mais profícuo de pesquisa se volta, na área de história da educação, para os estudos sobre a formação dos circuitos de livros didáticos e sua relação com os projetos educacionais empenhados pelas classes dirigentes (cf. Circe Maria Fernandes Bittencourt, *Livro Didático e Conhecimento Histórico*).

21. Cf. Robert Estivals, “Création, consommation et production intellectuelles”, em Robert Escarpit, *Le littéraire et le social*, pp. 9-42.

vimento literário ou intelectual. Em ambos os casos, o motor é o leitor, e não o autor. Vários elementos interferem na criação do público leitor: a demografia, a alfabetização e o poder aquisitivo da população. Daí por que, no quadro de uma sociedade aristocrática, a evolução da produção do livro e de seus circuitos de circulação e de consumo depende da evolução da classe dominante. Ideia que se aplica perfeitamente ao Brasil.

Resta averiguar em que medida estas premissas se justapõem ao solo histórico paulista no curso do século XIX.



Já é um truísmo afirmar que São Paulo, ainda nos anos de 1850-1860, era uma cidade modesta, e apresentava infraestrutura urbana elementar, modo de vida simples, sem luxo e pacato. O que se confirma nos relatos de viajantes que passaram amiúde a visitar o burgo a partir do segundo decênio do século, ou nas memórias deixadas por antigos moradores e pelos estudantes da Faculdade de Direito – que se tornaram, aos nossos olhos, verdadeiras crônicas de época. A partir de seus escritos podemos entrever as principais ruas da cidade, suas igrejas, suas praças, conhecer um pouco de seu comércio e dos hábitos dos moradores.

Todavia, é raro o caminho trilhado por aqueles que investigaram no cotidiano da cidade os elementos de formação do intelecto (e do espírito) da população paulistana. Mais especificamente, pouco se conta das práticas culturais que animavam os paulistas, do papel de sua imprensa periódica num primeiro momento e, posteriormente, dos livros, estes fomentadores de ideias²².

No plano da análise da vida intelectual no burgo piratiningano, predomina o silêncio. O mesmo silêncio que se transfere para a paisagem citadina. A propósito, vale a pena registrar com que espanto Wilhelmine Langsdorff, que acompanhava o esposo na célebre expedição científica que leva seu nome, anota em seu diário, na noite de 24 de abril de 1826:

22. Apenas John Mawe se mostra um tanto mais preocupado em compreender aspectos sociais e culturais da população planaltina. Pelo menos, suas informações são mais detalhadas e precisas do que as de seus contemporâneos (cf. John Mawe, *Viagens ao Interior do Brasil*).

“Quem poderia acreditar que a sede de São Paulo fosse tão deserta e morta?”²³

Este silêncio não poderia sequer ser quebrado pelos estalos das prensas tipográficas. Elas tardaram a chegar na capital. O primeiro jornal apareceu em 1827, o *Farol Paulistano*, por iniciativa de José da Costa Carvalho²⁴. Ao aparecimento desta folha inaugural da história da imprensa paulista sobreveio a criação da Academia de Direito, no mesmo ano. Daí por diante, os cidadãos se viram à prova de muitos barulhos e de muita algazarra.

Foi quando “no flanco da comunidade paulistana cresceu e se firmou, com características próprias, o grupo diferenciado de acadêmicos”²⁵. Do ponto de vista sociológico, este grupo aparece destacado da estrutura da cidade, justapondo-se a ela, sem que houvesse condições para sua efetiva integração.

Por quase meio século acadêmicos e moradores vivenciaram diversas situações de conflito, ou mesmo de indiferença entre eles. Augusto Emílio Zaluar, jornalista português que visitou a cidade em 1860 e que apresentou a análise mais aguda sobre a oposição destes dois grupos sociológicos, a saber, os habitantes da cidade e os acadêmicos, escreve:

A mocidade acadêmica imprime à povoação, durante a sua residência nela, uma espécie de vida fictícia, que, apenas interrompida, a faz recair, por assim dizer, no seu estado de habitual sonolência.

A antiga cidade dos jesuítas deve ser considerada, pois, debaixo de dois pontos de vista diversos. A capital da província e a Faculdade de Direito, o burguês e o estudante, a sombra e a luz, o *estacionarismo* e a ação, a desconfiança de uns e a expansão muitas vezes libertina de outros, e, para concluir, uma certa monotonia da rotina personificada na população permanente, e as audaciosas tentativas de progresso encarnadas na população transitória e flutuante²⁶.

Como agentes inovadores, os acadêmicos tornaram possível uma série de manifestações culturais. A produção literária e sua consequente publicação

23. Danuzio Bernardino da Silva (org.), *Os Diários de Langsdorff*, p. 28.

24. Cf. *História da Tipografia no Brasil*, p. 169.

25. Antonio Candido, “A Literatura na Evolução de uma Comunidade”, *Literatura e Sociedade*, p. 150.

26. Augusto Emílio Zaluar, *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)*, p. 99.

impressa, na forma de livros e, mais frequentemente, nos jornais da capital, deram vigor renovado à literatura paulista. Paralelamente a este movimento das letras, organizava-se um novo circuito de livros. Em 1825, foi fundada a Biblioteca Pública. Dois anos mais tarde, ela foi anexada à Academia. Nessa mesma época, escassos anúncios de venda de livros por particulares foram localizados nos jornais citadinos. E um comércio livreiro regular teve espaço no centro da cidade a partir dos anos de 1840-1850, conforme apreendemos nas memórias de estudantes.

A percepção de que a Academia funcionava como epicentro da vida intelectual citadina, ou seja, ponto de onde e para onde convergiam ideias e projetos inovadores para os padrões culturais do burgo, foi amplamente explorada pela historiografia. Ernani Silva Bruno se pauta pela emergência de um novo tipo sociológico, o acadêmico, na caracterização da cidade no período de 1828 a 1872. O segundo tomo da obra *História e Tradições da Cidade de São Paulo* tem como subtítulo *O Burgo de Estudantes*²⁷.

Para Richard Morse, a “cidade mente”, ou seja, a expressão urbana das realizações intelectuais que vinham se firmando nas primeiras décadas do século XIX, sendo a instalação da Academia de Direito sua maior conquista, “surge” em meio ao que o autor chama de “mal-estar colonial”. Isso porque estas realizações espirituais não tiveram arrimo, nos primeiros tempos, em uma base material sólida para seu pleno desenvolvimento e sua expansão. Este quadro se apresenta favorável apenas na segunda metade do século, quando São Paulo se inclui em um movimento mais abrangente, classificado pelo autor como o das “novas tendências nas ideias e nos esforços econômicos, refletindo as realizações internacionais da era industrial”²⁸.

Retomando as premissas de Robert Estivals, podemos afirmar que apenas o desenvolvimento material da urbe tornaria possível a expansão do “circuito de consumo”. Desse modo, se ambos os circuitos – o da inovação e o do consumo – coexistem perfeitamente justapostos à urbe, eles serão in-

27. Cf. Ernani Silva Bruno, *História e Tradições da Cidade de São Paulo: O Burgo de Estudantes (1828-1872)*, t. 2.

28. Richard Morse, *Formação Histórica de São Paulo (de Comunidade a Metrópole)*, p. 148. Para um balanço da produção histórica e sociológica sobre São Paulo no século XIX, cf. Fraya Frehse, *O Tempo das Ruas na São Paulo de Fins do Império*.

corporados à dinâmica urbana a partir dos anos de 1860-1870, e, de forma patente, nos anos de 1890²⁹.

Dois movimentos corroboram a consolidação destes circuitos:

O primeiro diz respeito às mudanças no quadro econômico e social da cidade e da província de São Paulo na segunda metade do século. A expansão da cafeicultura, a urbanização, a instalação de setores econômicos modernos – bancos, comércio de importação e exportação, empresas de serviços públicos, transportes marítimos etc. – a emergência de uma aristocracia cada vez mais alinhada aos padrões de vida urbanos³⁰ e o espessamento das camadas médias mudaram a feição da cidade³¹. A combinação de todos estes fatores aumentou a riqueza circulante e, portanto, a potencialidade de consumo. Mas, vale frisar uma vez mais, nada disso teria efeito sobre o mercado de bens culturais se as atividades do espírito não tivessem se incorporado e criado raízes no seio da cidade e de suas elites³².

O segundo movimento se refere ao período de modernização da cidade. Não retomaremos as questões atinentes à economia agroexportadora e às importações de bens de consumo para a capital e para o interior. Interessá-

29. Para se ter uma ideia deste processo, ver os mapas de livrarias, tipografias e instituições de leitura apresentados mais adiante (pp 218).

30. A este respeito, cf. Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*. Em particular o capítulo “Novos Tempos”, no qual o autor desenvolve o que chama de “sentido do bacharelismo”, apoiando-se no refinamento cultural da elite brasileira na segunda metade do Oitocentos. Adotamos o uso da 20ª edição comemorativa por esta trazer uma série de estudos sobre a obra e pelo fato de apresentar o texto acabado, ou seja, revisto e aumentado pelo autor, publicado pela primeira vez na quinta edição.

31. Cf. Emília Viotti da Costa, “Urbanização no Brasil do Século XIX”, *Da Monarquia à República – Momentos Decisivos*, pp. 233-269; Nelson Hideki Nozoe, *São Paulo: Economia Cafeeira e Urbanização*; Flávio Saes, *A Grande Empresa de Serviços Públicos na Economia Cafeeira (1850-1930)*. Um interessante panorama das mudanças urbanas que se operam entre 1870 e 1914 e de seus efeitos sobre diversos aspectos da vida da população, aparece nas publicações organizadas por ocasião do aniversário de 450 anos da cidade: Paula Porta (org.), *História da Cidade de São Paulo*; Marisa M. Deaecto & Lincoln Secco et al., *São Paulo: Espaço e História*.

32. De fato, o que se observa a partir dos anos de 1860-1870 é uma supervalorização dos elementos culturais que conformam a vida urbana. Das instituições paulistas, mas também do enaltecimento de sua própria história por seus intelectuais. Dentre outros trabalhos específicos sobre a vida cultural da urbe neste período, cf. Antônio Celso Ferreira, *A Epopeia Bandeirante*; Silvia F. de Figuerôa, “Ciência, Elites e Modernização: a Comissão Geográfica e Geológica (1886-1931)” em Antônio Celso Ferreira, Tania Regina de Luca, Zilda Gricoli Yokoi (org.), *Encontros com a História*; Helen de Castro Silva, *A Biblioteca da Fazenda Pinhal e o Universo de Leitura na Passagem do Século XX*.

pontos de contato com o mercado interno. Ora, em apenas cinquenta anos, a cidade de São Paulo assiste à progressão de dois fenômenos seculares na Europa. O primeiro diz respeito à invenção dos tipos móveis e o segundo à Revolução Industrial e seus efeitos sobre a produção de impressos. Diante desse quadro, era natural que o comércio interno de livros sofresse a concorrência direta e desigual do produto europeu.

Neste ponto, parece necessária uma última ressalva. Os circuitos do livro se apoiam sobre a tradição, mesmo quando eles se organizam através da ação de agentes inovadores no meio cultural. Isso quer dizer que o “circuito da inovação” não implica necessariamente uma ruptura com os padrões existentes.

Em sociedades marcadas pela rarefação intelectual, os agentes parecem mais preocupados em superar o que Richard Morse chama de “mal-estar cultural” do que em romper com os padrões culturais seguidos pela elite. Por muito tempo, os referenciais ilustrados habitaram as consciências das elites nacionais. Isso não quer dizer que elas encontrassem um solo histórico propenso a ideias tão estranhas quanto o direito de igualdade, fraternidade e liberdade, lançadas contra o vento, como sugere o *ex-libris* da editora Larousse³³.

Por outro lado, a ampla difusão do livro francês – fato comprovado no estudo dos catálogos da Casa Garraux, a maior livraria³⁴ que a cidade conheceu no Oitocentos – é fruto de uma longa tradição que vinha sendo fundada desde o final do Setecentos, por uma elite intelectual paulista formada nas instituições europeias, e que teve na Academia de Direito o impulso necessário para seu desenvolvimento. Tradição que molda não apenas as mentes como as sensibilidades, a ponto de um intelectual constatar que as experiências vivenciadas nos livros não poderiam ser consubstanciadas senão em solo francês³⁵. Resta, pois, averiguar os mecanismos – econômicos

33. “Je sème à tout vent.”

34. Lembramos que o termo “livraria” teve, até a primeira metade do século XIX, duplo sentido: loja de livro e coleção de livro. O segundo sentido é mais antigo e será por vezes empregado, à luz das fontes documentais utilizadas.

35. Como escreve Joaquim Nabuco: “No Rio de Janeiro ou em São Paulo, quem se alimente de política, quando a sensação de um grande acontecimento se apossa dele, não encontra nada em redor de si que a corrija ou lhe sirva de contrapeso; felizmente, os acontecimentos grandes são raros. Para um jovem brasileiro, porém, que chega a Paris, é quase impossível imaginar acontecimento que possa torná-lo indiferente ao maravilhoso que o surpreende a cada passo, ou sensação política que não fosse amortecida, dominada logo, pela sensação de arte” (Joaquim Nabuco, *Minha Formação*, p. 49).

e culturais³⁶ – que moldaram estas sensibilidades e de que maneira eles se cruzam com a problemática da constituição dos circuitos livreiros.

Passemos, em linhas breves, ao plano de redação.



O primeiro capítulo parte de um fato relevante, a inauguração da primeira Biblioteca Pública de São Paulo, em 1825. Em “São Paulo, Cidade Espiritual”, colocamos em evidência os discursos que justificaram a desapropriação de parte da biblioteca do convento dos franciscanos e a compra do espólio de livros de D. Mateus de Abreu Pereira, falecido em 1824. Além disso, discutimos o processo de instalação da Academia de Direito, em 1827, no Largo de São Francisco. O debate em torno da instalação destas duas instituições, a Biblioteca Pública e a Academia, traz subsídios para a análise dessa primeira fase de laicização cultural e de organização de um Estado notadamente influenciado por princípios liberais.

Mas a Biblioteca não é apenas uma instituição regulamentada pelas leis do Império. Ela é, antes de tudo, um acervo de livros. Espaço de preservação da memória – dos livros e dos homens que preencheram e que percorreram suas estantes. De modo que a história da Biblioteca Pública é também uma história das práticas de leitura de uma geração que se formou no último terço do Setecentos. A análise do primeiro inventário de livros, elaborado em 1826, nos permitiu o rastreamento das leituras desse tempo e, além disso, a comparação de diferentes acervos que se uniram, enfim, em um mesmo espaço institucional.

“O Incidente com o Padre José Antônio dos Reis” nasceu de uma curiosidade. O que teria acontecido entre a instalação da Biblioteca e a elaboração de um primeiro inventário, sem dúvida necessário para o controle do acervo? Quem era o bibliotecário? Houve conflitos entre a velha instituição religiosa – entre os franciscanos – e o poder público na fase de cessão e cômputo dos livros? A partir destes fatos, aparentemente de menor importância, é possível percorrer o terreno incerto e movediço das estruturas mentais dominantes naquela sociedade?

36. Cf. Jean-Yves Mollier, *L'argent et les lettres* (trad. bras. *O Dinheiro e as Letras*, São Paulo, Edusp, 2010).

O segundo capítulo, “No Império das Letras”, privilegia questões atinentes à vida intelectual da urbe nos momentos decisivos da Independência e depois, após a fundação da Academia. A análise se volta para a configuração do intelectual, suas matrizes culturais e seus projetos para o fomento das atividades do espírito em São Paulo.

Estariam, de fato, os livros concentrados apenas nas instituições públicas? É claro que não. Em “Fortuna dos Livros”, adentramos na esfera privada, por meio do estudo de inventários *post mortem*, a fim de verificar a presença de livros na moradia paulistana e o sistema de interesses de seus leitores.

No capítulo 3, ampliamos os horizontes espaciais da pesquisa, até então delimitados nas instituições e no foro íntimo, para então mapear os circuitos das práticas de leitura inscritos no meio urbano. Isso porque compreendemos que o acesso à cultura letrada consiste, muitas vezes, em práticas coletivas, nas quais os meios de sociabilidade são determinantes para sua difusão. Assim são os teatros, as associações, os *clubs*, as sociedades maçônicas, as repúblicas estudantis, as tabernas, os bares, cafés e, naturalmente, as livrarias. São discutidos nesse capítulo os fundamentos que norteiam as seções subsequentes quanto à valorização do espaço como elemento analítico. Hesitamos em inserir no presente volume os mapas que fundamentaram nossa análise, temendo que os mesmos tornassem o capítulo “pesado” demais, em termos gráficos. No entanto, alguns exemplares aqui reproduzidos se tornaram raros e, contrariando as expectativas pessimistas, a composição dos mapas se ajustou perfeitamente ao livro.

No quarto e último capítulo, “Circulação e Consumo”, dedicamos nossa atenção ao aparecimento das livrarias e seu impacto na sociedade paulistana na segunda metade do século XIX. A análise se volta para as questões sobre o consumo de livros franceses e seus principais agentes de difusão. Nessa perspectiva, Anatole Louis Garraux, o primeiro livreiro de prestígio da capital paulista, que aqui se instalou em 1860, integra o tipo empreendedor em plena ascensão nesse contexto. Estimulador de “francesias”, ele foi percebido por seus contemporâneos como agente da civilização. A propósito das imagens apresentadas nas páginas subsequentes, algumas corroboram a análise, tal como os mapas. Outras buscam simplesmente situar o leitor no tempo e no espaço da narrativa.

